

Coluna do Castello

Enquanto não baixa a poeira

Ainda levará algum tempo para que assente de vez a poeira levantada pela decisão da Constituinte quanto a sistema de governo e mandato presidencial. Por ora, a poeira esconde a dimensão do estrago produzido no quadro partidário e impede que se avalie com apuro de que maneira ele emergirá. Na euforia inicial de uns e no abatimento de outros, é compreensível que aflorem as paixões com violência, que se avance em declarações irrefletidas e que se especule sobre o futuro intangível.

O deputado José Lourenço, líder do PFL na Câmara, comemorou a derrota do parlamentarismo e a vitória do mandato de cinco anos pedindo, aos brados, a cabeça dos ministros do PMDB ligados ao deputado Ulysses Guimarães. Por seu lado, o senador Fernando Henrique Cardoso, líder do PMDB no Senado, anunciou, minutos após a decisão da Constituinte, seu desligamento do partido e a disposição irremovível de fundar uma nova legenda onde se abrigariam os que pensam como ele.

A quase certeza de que o presidente José Sarney governará por cinco anos impulsionou alguns dos seus ministros a sugerirem a criação de um novo partido. Ele reuniria moderados de todas as siglas atualmente existentes para dar ao governo a sustentação que grande parte do PMDB lhe negou até agora. O partido do presidente virou, ultimamente, o Bloco de Transição. O partido dos sonhos do senador paulista deu lugar ao Bloco de Oposição.

Só o repouso da poeira permitirá que se vejam, claramente, as chances dos dois blocos de servirem ou não de embriões a futuras legendas. Contra os blocos, em si, já se posicionaram o deputado Ulysses Guimarães, pelo PMDB, o senador Marco Maciel, pelo PFL, e o senador Jarbas Passarinho, pelo PDS. Os três comandam partidos que sairiam fraccionados com a invenção dos dois blocos. A experiência de bloco do *Centrão* só deu certo para a reforma do regimento interno da Constituinte.

O melhor momento para que Sarney articulasse seu partido passou com a frustração da esperança introduzida pela reforma econômica do cruzado. Ali, com mais de 94 pontos positivos de popularidade, o presidente não teria tido dificuldades para arregimentar prestimosos correligionários. Falto-lhe determinação para isso — ou, em outra hipótese, para arrebatá-lo do deputado Ulysses Guimarães o comando efetivo do PMDB. Ele esteve ao alcance de sua mão. Sarney passou batido.

Não foi por falta de conselho. Pouco depois da morte do presidente Tancredo Neves, o ex-deputado Thales Ramalho foi a Sarney e lhe falou da idéia da criação de um novo partido. Disse-lhe que o projeto era acalentado pelo próprio Tancredo, que não confiava no apoio do PMDB e que não acreditava nas chances de crescimento do PFL. Thales tentou Sarney com a proposta mas ele, àquela altura, não se sentia suficientemente forte para patrociná-la. Ou não a desejava, simplesmente.

Ali por maio, junho de 1985, Sarney chegou a cogitar de fazer coincidir em novembro as eleições de prefeitos de capitais com a eleição do seu sucessor. Os que lhe estavam mais próximos não deixaram que tal coisa prosperasse. Foi uma pena — para Sarney e para o país. O fracasso do cruzado inviabilizou a criação do partido do presidente, que agora se repõe com a decisão da Constituinte em favor da manutenção do atual sistema de governo e do mandato de cinco anos.

É compreensível que os estrategistas políticos do Palácio do Planalto queiram aproveitar a ocasião para extrair dela todos os dividendos que possam ser extraídos. É duvidoso, contudo, que consigam ir além da formação de um bloco que dê respaldo ao governo. A ser confirmada, de fato, a eleição do sucessor de Sarney em 1989, estaríamos a um ano, ou a pouco menos, do início da campanha eleitoral. O tempo é reduzido para que vingue uma nova legenda.

Conspira contra ela a eleição municipal de novembro próximo, que parte da Constituinte quer adiar e outra parte quer manter. Se for mantida, quantos parlamentares se arriscarão a transferir suas bases municipais para um novo partido que ainda levará muito tempo até que se fixe na memória popular? O que pesa contra a idéia da criação de um partido do presidente pesa, também, contra a proposta de criação de um partido integrado pelos chamados *históricos* do PMDB.

Os mineiros que desertaram do PMDB o fizeram por divergências insanáveis com o governador Newton Cardoso. A insatisfação e a inquietude de espírito dos deputados Cristina Tavares e Fernando Lyra os empurraram a abandonar a legenda. Uns cometeram o gesto político calculado e amadurecido. Outros preferiram se arriscar em meio à poeira que dificulta que se enxergue mais adiante. Os blocos do governo e da oposição já funcionam, informalmente, desde a instalação da Constituinte.